

INTERDISCIPLINARIDADE E ESTUDOS DAS INFÂNCIAS: DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE

Interdisciplinarity and childhood studies: contemporary challenges

Interdisciplinarietà y studios de la infancia: desafíos contemporáneos



Revista
Desafios

Artigo Original
Original Article
Artículo Original

Patrícia Maria Uchôa Simões^{1*}

Humberto da Silva Miranda²

¹ Fundação Joaquim Nabuco

² Universidade Federal Rural de Pernambuco

* *Correspondência: Centro de Estudos de Cultura, Memória e Identidade, Diretoria de Pesquisas Sociais, Rua Dois Irmãos, 92, Apipucos – Recife/PE, Brasil, CEP 55071-440. E-mail: patricia.simoed@fundaj.gov.br*

Artigo recebido em 20/05/2020 aprovado em 29/10/2021 publicado em 17/05/2022.

RESUMO

O artigo propõe a discussão do estudo das infâncias na sociedade contemporânea numa abordagem interdisciplinar, pretendendo contribuir para o debate conceitual, teórico e metodológico desse “novo” campo do conhecimento. Diante do caráter fragmentário dos estudos disciplinares tradicionais e clássicos, a abordagem interdisciplinar para os estudos das infâncias possibilita uma nova perspectiva que transcende a visão naturalizada da criança. Novos paradigmas precisaram emergir para a construção de um conhecimento diante da “novidade” da infância na contemporaneidade que não mais parece caber nas explicações da racionalidade da ciência moderna. O conhecimento como representação da experiência humana precisou se aproximar dessa realidade sem pretender alcançar sua complexidade e completude. A interdisciplinaridade constitui-se, assim, como um contexto mais amplo de diálogo onde há possibilidade de assegurar a posição de sujeito à criança na pesquisa e a compreensão da infância enquanto categoria de análise na construção de um campo de conhecimento crítico das ideias adultocêntricas e normatizadoras das nossas infâncias.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Infância; Criança; Contemporaneidade.

ABSTRACT

The article proposes to discuss the study of childhood in contemporary society in an interdisciplinary approach, aiming to contribute to the conceptual, theoretical and methodological debate of this "new" field of knowledge. In view of the fragmentary character of traditional and classic disciplinary studies, the interdisciplinary approach to childhood studies enables a new perspective that transcends the child's naturalized view. New paradigms had to emerge for the construction of knowledge in face of the "novelty" of childhood in contemporary times that no longer seems to fit in the explanations of the rationality of modern science. Knowledge as a representation of human experience had to approach this reality without attempting to reach its complexity and completeness. Interdisciplinarity thus constitutes a broader context of dialogue where it is possible to ensure the position of subject to the child in research and the understanding of childhood as a category of analysis in the construction of a critical knowledge field of adult-centered and standardized ideas of our childhoods.

Keywords: Interdisciplinarity; Childhood; Children; Contemporaneity.

RESUMEN

El artículo propone discutir el estudio de la infancia en la sociedad contemporánea en un enfoque interdisciplinario, con el objetivo de contribuir al debate conceptual, teórico y metodológico de este "nuevo" campo de conocimiento. En vista del carácter fragmentario de los estudios disciplinarios tradicionales y clásicos, el enfoque interdisciplinario de los estudios de la infancia permite una nueva perspectiva que trasciende la visión naturalizada del niño. Deben surgir nuevos paradigmas para la construcción del conocimiento frente a la "novedad" de la infancia en los tiempos contemporáneos que ya no parece encajar en las explicaciones de la racionalidad de la ciencia moderna. El conocimiento como representación de la experiencia humana tuvo que acercarse a esta realidad sin intentar alcanzar su complejidad e integridad. La interdisciplinariedad constituye, por lo tanto, un contexto más amplio de diálogo en el que es posible asegurar la posición del sujeto del niño en la investigación y la comprensión de la infancia como una categoría de análisis en la construcción de un campo de conocimiento crítico de ideas centradas en el adulto y la normalización. de nuestra infancia.

Descriptores: Interdisciplinariedad; Infancia; Niño; Contemporaneidad.

INTRODUÇÃO

Os estudos sociais das infâncias institucionalizaram-se como campo interdisciplinar em vários cursos de pós-graduação lato e stricto sensu no país, tem sido objeto de investigação em teses e dissertações e tema para diversas revistas científicas brasileiras, seminários e eventos acadêmicos.

Esse movimento de construção da interdisciplinaridade requer estatutos epistemológicos próprios que parte da especificidade da criança e, como o que vem ocorrendo em outras áreas das ciências contemporâneas, faz uma revisão paradigmática, reconhecendo que trata de um fenômeno complexo que uma disciplina isoladamente não consegue abarcar.

O cenário das pesquisas da Sociologia da Infância, durante as décadas de 1980 e 1990, nas ciências sociais, é marcado pela desilusão com o conhecimento racional e pela especialização das disciplinas, ao mesmo tempo em que, no campo social, a desorganização, desordenação e complexidade da sociedade, refletida na infância, revelava a inadequação do pensamento dicotômico que separa o mundo social em tópicos como identidade e diferença, indivíduo e sociedade, local e global, natureza e cultura, entre outros (ABRAMOWICZ; MORUZZI, 2016; ALANEN, 2010; BELLONI, 2009; MARCHI, 2017; PROUT, 2010; QVORTRUP, 2010; SARMENTO, 2005; 2013; 2015).

É importante ressaltar que para além da Sociologia da Infância, outras áreas do conhecimento, como a História, a Geografia e a Antropologia, passaram a colocar os estudos sobre as crianças e adolescentes em tela. Tais estudos se distanciaram das tradicionais “ciências da infância”, a exemplo da Pedagogia e a Pediatria, e passam a construir o novo campo dos estudos sociais das infâncias (BARBOSA; DELGADO; TOMÁS, 2016; NASCIMENTO, 2015; SARMENTO, 2008).

De acordo com William Corsaro, a partir do trabalho de Phillippe Ariès, por exemplo, historiadores deixaram de “negligenciar as crianças” e, como os sociólogos, passaram a colocar no centro de suas pesquisas as infâncias e o mundo que as norteiam (CORSARO, 2011, p.75).

Esse cenário marcado por novas formas de ver e compreender o universo infantil, fortemente caracterizado pelos desafios das diferentes áreas do conhecimento, abriu caminhos para novas maneiras de pensar epistemologicamente as infâncias, contribuindo para o questionamento de perspectivas construídas na modernidade. Os estudos das infâncias nascem, assim, marcados pela crítica ao processo de produção disciplinar do conhecimento científico que reproduz a lógica de fragmentação do objeto de estudo para melhor compreendê-los (PROUT, 2010).

Compreende-se, então, que novos paradigmas precisaram emergir para a construção de um

conhecimento diante da “novidade” da infância na contemporaneidade que não mais parece caber nas explicações da racionalidade da ciência moderna. O conhecimento como representação da experiência humana precisou se aproximar dessa realidade sem jamais pretender alcançar sua complexidade e completude (LARROSA, 2000).

O presente texto, ao propor a discussão do estudo das infâncias na contemporaneidade como necessariamente uma área interdisciplinar, pretende contribuir com reflexões e debates nesse novo campo do conhecimento. Essa proposta apresenta uma análise de encontros entre as diferentes disciplinas que vêm estudando as infâncias e as possibilidades que esses movimentos de convergência oferecem para a construção de uma nova epistemologia para os estudos das infâncias.

(DES)CONSTRUINDO A “DESCOBERTA” DA INFÂNCIA PARA ALÉM DE ARIÈS

Para o historiador francês Philippe Ariès, a “descoberta da infância” se deu na Modernidade. Em sua obra clássica, *História Social da Criança e da Família*, publicada na década de 1960, afirma que foi no mundo moderno que a sociedade europeia passou a perceber que existe um universo particular da criança e que ele é diferente do mundo adulto. A partir dos registros de iconográficos e outras fontes documentais, Ariès passa a contribuir, à luz do conhecimento historiográfico, com os estudos sociais da criança no Ocidente (ARIÈS, 1981).

No Brasil, mesmo a partir das críticas produzidas à “história das mentalidades”, registra-se a influência da historiografia francesa, mais notadamente da Escola dos Annales, que fez difundir de forma expressiva a obra “História Social da Família e da Criança”, contribuindo para a reflexão e produção do lugar da criança na historiografia. A obra foi publicada no Brasil na década de 1980 e marca o início da

produção de pesquisas históricas que privilegiaram a infância como questão central de análise, sendo a área da Demografia Histórica responsável pela sistematização de pesquisas e da organização de acervos que retratavam a assistência às crianças no país (AREND, 2007).

Não podemos também deixar de ressaltar que este período foi marcado pelo surgimento de novas legislações voltadas para a infância, a exemplo do Estatuto da Criança e do Adolescente. O novo marco legal fez desdobrar novas formas de pensar as políticas públicas direcionadas para as crianças e jovens que viviam nos grandes centros urbanos, influenciando de forma efetiva a produção de pesquisas na área do conhecimento histórico e das ciências sociais.

Este cenário efervescente possibilitou a problematização de perspectivas mais universalizantes, levando os historiadores e historiadoras a produzirem os estudos para além das mentalidades onde a história desses meninos e meninas foi escrita à sombra da história da família e das práticas educativas, que se institucionalizaram na modernidade.

A contribuição de Ariès mobilizou e aguçou o debate sobre as diferentes formas de problematizar as práticas educativas e assistenciais, o convívio entre as gerações e como as diferentes relações sociais foram construídas historicamente. A partir da sua grande contribuição que colocou em tela o processo da “descoberta da infância”, é possível pensar como as diferentes sociedades pensaram suas infâncias, para além da modernidade e produzir uma história da criança, que mesmo a sombra da família, buscou romper a historiografia tradicional que negligenciava a infância. Podemos afirmar que, essa abordagem presente, para o campo da História, uma das primeiras tentativas de pensar a família e a criança a partir do diálogo entre diferentes disciplinas.

Por outro lado, a partir dos estudos de Foucault, observamos que a modernidade foi palco da constituição do saber disciplinar. Ao procurar produzir

uma “história das ciências da genealogia dos saberes”, Foucault afirma que no século XVIII, o saber disciplinar buscou estruturar um campo do conhecimento-verdade, sendo este campo marcado por muitas disputas. Ao questionar a concepção disciplinar dos antigos e do próprio cristianismo, o saber disciplinar moderno foi constituído a partir de outra racionalidade, marcado fortemente como um dispositivo de controle, através de um “jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos” (FOUCAULT, 2010, p.30).

A modernidade passa, então, a produzir a tradição dos campos de saberes que se forjaram a partir de seus enquadramentos técnico-científicos que disputavam espaços na tentativa de entender e explicar a criança. Para Foucault, “tais saberes estavam em luta uns com os outros, uns diante dos outros, numa sociedade em que o segredo do saber tecnológico valia riqueza e em que a independência desses saberes, uns em relação aos outros” (FOUCAULT, 2010, p.151).

Ao criar e estabelecer as regras e métodos, essas disciplinas passam a criar domínios que legitimam outra forma de poder-saber e nesse cenário de produção, nesta “outra” racionalidade, constituíram-se os primeiros estudos da criança a partir de uma racionalidade técnica e científica: a puericultura e a pediatria, por exemplo, emergiram no tempo histórico demarcado como modernidade. A partir da lógica disciplinar, essas crianças passaram a ser concebidas como as carenciadas, pacientes, alunas, buscando construir uma criança ideal. Uma criança constituída a partir de um “conhecimento-verdade” ou constituída de diferentes “conhecimentos-verdades”. O “conhecimento-verdade” da puericultura, o “conhecimento-verdade” da pediatria, “conhecimento-verdade” da psicologia. Tais conhecimentos constituíram-se a partir de fronteiras, estabelecendo limites entre as disciplinas.

Desse modo, romper com a lógica disciplinar moderna é fundamental para compreender as diferentes

infâncias. Esse “conhecimento verdade”, construído no mundo moderno já não mais contempla as demandas apresentadas nos dias atuais. A contemporaneidade exige “outra” forma de olhar para os estudos sociais da infância. Diante dos novos temas e questões, diante das novas formas de conceber as crianças e os adolescentes e suas infâncias, é mais que fundamental desconstruir o “conhecimento verdade”, produzido na modernidade.

CRISE DE PARADIGMAS NOS ESTUDOS DAS INFÂNCIAS E A PROPOSTA DA INTERDISCIPLINARIDADE

É nesse sentido que se propõe a abordagem interdisciplinar dos estudos das infâncias, ao apontar o caráter fragmentário dos estudos disciplinares tradicionais e clássicos e a necessidade de uma nova abordagem que transcenda a visão adultocêntrica da criança.

Nessa perspectiva, a infância não é um objeto de estudo da Pedagogia, da Psicologia, da Antropologia, etc. Antes, é sujeito/objeto de várias áreas do conhecimento humano ao mesmo tempo. Nessa direção, Sarmiento (2013) afirma que as ciências da saúde estudam o corpo da criança, a psicologia focaliza o desenvolvimento infantil, a educação tem como objeto o aluno e os estudos sócio-antropológicos se interessam pela configuração que as estruturas sociais e culturais fazem das crianças.

Portanto, faz-se necessário uma abordagem interdisciplinar que estude a criança em sua integralidade e as especificidades das culturas infantis que se localizam no terreno da complexidade e, assim, precisam da interdisciplinaridade para serem, efetivamente, compreendidas, como afirma Barbosa (2014).

Aliado a esse olhar para as culturas infantis, também se afirma a necessidade da interdisciplinaridade para o estudo da categoria infância como fenômeno, ao mesmo tempo, único, por se tratar de uma categoria geracional explicativa da

sociedade, e singular, por ser definida por parâmetros históricos, sociais, culturais, econômicos que lhe impõem uma natureza plural (QVORTRUP, 2010; PROUT, 2010; SARMENTO, 2013; 2015).

Dessa forma, a necessidade da superação da visão disciplinar nos estudos da criança e da infância localiza-se no mesmo sentido do caminho percorrido pela busca da interdisciplinaridade nas ciências sociais como um campo mais amplo que, reconhecendo a crise do modelo de racionalidade científica da modernidade, busca uma compreensão do conhecimento sobre a natureza como um conhecimento social e do conhecimento global como um conhecimento que reflete o conhecimento local, como afirma Boaventura de Souza Santos em seu “Um discurso sobre as ciências”, escrito numa primeira versão em 1985 e publicado pela primeira vez em 1987.

Santos (1989, 2008) tem como objetivo fundamentar uma posição epistemológica antipositivista que questiona a teoria representacional da verdade e a busca das relações de causalidade entre os fenômenos. É essa posição epistemológica que subjaz aos novos estudos sociais da infância e que, ao negar a concepção moderna de infância, serve de base para a articulação interdisciplinar de diferentes áreas e possibilita a construção de um novo conhecimento.

A condição do novo conhecimento é a interdisciplinaridade, como uma forma de superação da dicotomia ciência/existência que

requer uma imersão teórica das discussões epistemológicas mais fundamentais e atuais, pois a questão da interdisciplinaridade envolve uma reflexão profunda sobre os impasses vividos pela ciência atualmente” (FAZENDA, 2012, p.14).

Trazendo essa discussão para os estudos das infâncias, Prout (2010) acredita que, desde meados da década de 70, há sinais do que denominou de crise cultural (ou representacional) da infância desnudada

pela inadequação das velhas ideias para explicar e entender a infância na contemporaneidade.

Segundo esse autor, marcada pelo enfraquecimento das fronteiras entre as gerações no que diz respeito aos espaços e tempos que ocupam na sociedade, a fragmentação da experiência da infância revela-se na grande proporção de crianças vivendo em situações familiares “não padrão” que já não podem mais ser vistas como desvios da norma e exige uma abordagem que atente para suas especificidades, além da crescente desigualdade de renda que distancia cada vez mais as crianças de diferentes classes sociais e que vivem em países com diversos níveis de desenvolvimento e industrialização.

Nesse contexto, a construção de um campo interdisciplinar para os estudos das infâncias vem se colocando como alternativa que incorpora perspectivas investigativas e amplia as possibilidades de construção metodológicas.

Nas ciências sociais, a interdisciplinaridade é compreendida por Frigotto (2008) como estratégia fundamental para se recuperar a fragmentação entre sujeito e objeto, conhecedor e conhecimento que decorre, por um lado, do caráter dialético da realidade social, unitária e diversa, e, por outro, da natureza essencialmente subjetiva das formas de sua apreensão. Esse autor compreende que

Delimitar um objeto para a investigação não é fragmentá-lo, ou limitá-lo arbitrariamente. Ou seja, se o processo de conhecimento nos impõe a delimitação de determinado problema isto não significa que tenhamos que abandonar as múltiplas determinações que o constituem. É neste sentido que mesmo delimitado um fato teima em não perder o tecido da totalidade de que faz parte indissociável. (FRIGOTTO, 2008, p.44)

Como afirma Pombo (2008), a abordagem interdisciplinar ultrapassa a dimensão que coloca as disciplinas coordenadas numa perspectiva de

paralelismo de pontos de vista. Essa autora compreende que a interdisciplinaridade avança para a combinação, a convergência e a complementaridade entre as disciplinas. Esse processo resulta da transferência de conceitos, problemáticas e métodos que permite também a constituição de novos objetos do conhecimento.

O encontro entre as disciplinas produz um novo conhecimento que não pertence a nenhuma das disciplinas e apresenta variadas formas de compreender a diversidade e complexidade da realidade pesquisada. Segundo Nascimento (2015),

O desafio de definir/manter as fronteiras das diferentes ciências cedeu espaço a um contexto mais amplo, ocupado pelo diálogo entre sociologia, antropologia, geografia, história, embora a ciência política e a economia mantenham-se ainda arreadas às pesquisas sobre a infância. As abordagens interdisciplinares têm ocupado cada vez mais espaço na investigação da infância e das crianças, o que pode ser verificado na literatura do campo. (NASCIMENTO, 2015, p. 88).

Todo esse movimento de busca da superação da visão disciplinar da ciência moderna vem se debatendo em desencontros conceituais, questionamentos metodológicos e indefinições epistemológicas. Primeiramente, os estudiosos dessa temática apontam as diferentes (e, muitas vezes, divergentes) formas de utilização do conceito de interdisciplinaridade (FAZENDA, 2012; FRIGOTTO, 2008; JAPIASSU, 1976; LOUREIRO et al., 2019; MORIN, 2000; NICOLESCU, 1999; POMBO, 2008; RAMOS; FERREIRA, 2020; TAUCHEN; FÁVERO; ALVARENGA, 2017).

Pombo (2008), discutindo as dificuldades de utilização da interdisciplinaridade nas ciências, compreende que esse conceito ainda não tem “nenhuma estabilidade”, ou seja, os autores utilizam diferentes formas de definir o que é interdisciplinaridade, “a palavra tem sido usada,

abusada e banalizada” (p.10). Ainda afirma que, mesmo tendo entrado no vocabulário da pesquisa científica, seus contextos de uso são diversos e sua utilização muito ampla.

Segundo essa autora, no contexto epistemológico de uso do termo, a interdisciplinaridade pode ser compreendida como uma característica da ciência na contemporaneidade, *um deslocamento no modo de o homem fazer ciência* (p.16), e mesmo sem definições precisas para esse termo, ele vem se impondo como alternativa ao modelo analítico da modernidade que não parece mais adequado. No lugar da análise fragmentada de elementos, cada vez mais, se propõe a análise interdisciplinar pois o progresso do conhecimento nos mostrou que *quanto mais fina é a análise, maior é a complexidade* (p.16).

Para Frigotto (2008) o problema de se fazer um estudo interdisciplinar localiza-se, por um lado, nessa dimensão ontológica, ou seja, na busca do próprio sujeito do conhecimento da realidade e, de outro, na complexidade desta realidade que se constitui social e historicamente.

Quanto ao sujeito do conhecimento, Frigotto (2008) aponta a impossibilidade do sujeito individual se encontrar particularmente com o seu objeto de estudo e cita a limitação que se instala desde o plano da sua formação marcada por traços específicos culturais e também a convivência com concepções do cotidiano do senso comum, com as teorias e ideologias do seu tempo e, mesmo, com suas características físicas, etc. Segundo esse autor, mesmo fazendo uma crítica desse contexto cultural, teórico e ideológico, o sujeito é incapaz de se aproximar da complexidade da realidade.

Todavia, mesmo que se atinja um elevado nível de capacitação crítica nenhum sujeito individual dá conta de exaurir determinada problemática. Este esforço é sempre acumulativo e social. Já, por este ângulo percebemos que o conhecimento humano sempre será relativo, parcial, incompleto. Daí a relevância de se buscar esclarecer, revelar, expor não toda a realidade de um fato mas

sim as suas determinações e mediações fundamentais. (FRIGOTTO, 2008, p.48)

O campo interdisciplinar está sendo construído por investigadores que precisam romper com suas próprias formações acadêmicas e, muitas vezes, com as instituições que os abrigam e as suas pesquisas, sendo, portanto, uma tarefa que requer um grande esforço de rupturas epistemológicas e teóricas mas também de mudanças em suas práticas investigativas.

Por outro lado, como aponta Frigotto (2008), o próprio objeto de estudo tem sua complexidade que exige o olhar interdisciplinar. Esse autor alia à complexidade do objeto do conhecimento ao fato dele ser determinado pelo seu tempo histórico e, utilizando-se do pensamento de Gramsci, compreende que os seres humanos são resultantes de suas relações sociais mesmo que, enquanto indivíduos, se constituam como seres da natureza, sendo que é sob essa materialidade histórica e social onde são produzidas as ideias e os conhecimentos científicos.

As determinações histórico-materiais e culturais, talvez, sejam as que menos são consideradas tanto na produção do conhecimento quanto na socialização do mesmo mediante diferentes processos pedagógicos (na escola, nos partidos, no sindicato, etc.) e justamente as que mais impõe limites. (FRIGOTTO, 2008, p.49).

A infância, pela sua complexidade, exige, pois, esse tratamento interdisciplinar que requer, além da aproximação das disciplinas, um movimento de construção teórico conceitual e metodológico.

Para Prout (2010), o campo de estudos das infâncias já é interdisciplinar, por contar com contribuições das áreas da Sociologia, Geografia, Antropologia e História. No entanto, mesmo nesse debate interdisciplinar, faz-se necessário mais diálogo para se explorar a base comum, como também as diferenças entre essas abordagens. Com a Psicologia, segundo esse autor, o diálogo interdisciplinar ainda é

fraco, provavelmente por ter sido a disciplina sobre a qual a nova Sociologia da Infância se constituiu na negação a algumas proposições de autores importantes da área, como Piaget e Vygotsky. Mas, para aquele autor, a maior dificuldade é a articulação necessária do campo de estudos das infâncias com as ciências biológicas e médicas pelo seu papel na compreensão e constituição da infância na sociedade contemporânea.

Em acordo com essa posição, Müller e Hassen (2009) alertam que é necessário um diálogo maior entre as disciplinas das ciências sociais e naturais para que o campo de estudos das infâncias se constitua e seja consolidado,

Apesar do desenvolvimento de um campo de estudos sociológicos e antropológicos sobre a infância, e com as crianças, a complexidade dos tempos contemporâneos aponta para a necessidade de ruptura com um conjunto de dicotomias relacionadas à modernidade. Mais do que isso, embora já exista um corpo interdisciplinar de estudos sobre as crianças, a infância, como um fenômeno híbrido, depende da aproximação de disciplinas das ciências sociais e naturais. (MÜLLER; HASSEN, 2009, p.475).

Na mesma direção, Nascimento (2015), considerando a produção de conhecimento na perspectiva europeia, observou que a interdisciplinaridade tem sido tratada como possibilidade para o desenvolvimento de pesquisas sobre a infância. Entretanto, essa autora observa que no Brasil há grandes dificuldades de interlocução entre os campos disciplinares que tradicionalmente tiveram a infância e as crianças como objetos de estudo. Dessa forma, mesmo sendo consensual o reconhecimento da complexidade da infância, pouco ainda tem sido a ampliação das relações entre as disciplinas que estudam a infância e a transposição do debate para o campo interdisciplinar

seja porque cada disciplina reluta em despir-se do poder investido em si, seja pela dificuldade em reconhecer-se numa relação

de interdependência com outras disciplinas” (NASCIMENTO, 2015, p.89).

Aliado a essa relutância, também há uma restrição que a formação disciplinar do pesquisador ou pesquisadora impõe ao seu olhar para as temáticas que investiga. A construção das carreiras acadêmicas em uma disciplina, com o aprofundamento (e, algumas vezes, afunilamento) de seus conhecimentos e atividades de investigação sobre questões com a luz de aportes teóricos disciplinares dificulta o diálogo com outras áreas do conhecimento e, até mesmo, invisibilizar outras questões de pesquisa que se coloquem com perspectivas teóricas, metodológicas diferentes. Esse diálogo requer um deslocamento não apenas conceitual e teórico, mas metodológico e epistemológico que está além do reconhecimento da necessidade da reflexão interdisciplinar, mas exige uma prática investigativa interdisciplinar.

DESAFIOS DO PENSAR AS INFÂNCIAS NA CONTEMPORANEIDADE: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das dificuldades que o diálogo interdisciplinar enfrenta para se efetivar, compreendemos que os estudos das infâncias têm realizado encontros e intercruzamentos das diferentes disciplinas que têm uma perspectiva de busca de articulação conceitual e metodológica. Trata-se de um movimento de convergência entre as disciplinas que se interessam pelas infâncias, como a Antropologia, Sociologia, Pedagogia, História, Geografia e Psicologia.

Nos estudos das infâncias, assinala-se a transferência de conceitos, problemáticas e métodos que permitem a constituição de novos objetos de conhecimento que intrinsecamente se coloquem como híbridos e, assim, se constituem enquanto questões interdisciplinares.

Sendo assim, o diálogo interdisciplinar trava-se na utilização do mesmo conceito utilizado por

diferentes áreas do conhecimento ou na preocupação comum por temáticas interdisciplinares em estudos sob perspectivas disciplinares diferentes ou, ainda, na adoção de formas semelhantes de metodologia de pesquisa nos diferentes estudos das infâncias.

Assim, como exemplo desse diálogo interdisciplinar, registramos a ampla utilização do conceito de culturas infantis por autores oriundos da Antropologia, Pedagogia, Sociologia, Geografia, História e Psicologia. Esse conceito ocupa um lugar central na proposta teórica e epistemológica dos estudos das infâncias ao posicionar a criança como construtora de culturas e a infância como categoria histórica e social, mas com especificidades que se constituem na cultura em que estão inseridas.

Dessa forma, compreende-se que o conceito de culturas infantis colabora na compreensão das interações entre crianças e revela um conjunto de regras e valores, atitudes de resistência e táticas para lidar com as normas e os limites impostos pelas instituições que constituem padrões de normatização do “ser criança”.

Nos estudos sobre as culturas infantis, o foco está direcionado para as ações realizadas pelas crianças, valorizando as atividades coletivas desenvolvidas por elas. Essa abordagem questiona, pois, a noção “adultocêntrica” de infância, compreendendo-a como uma noção que se constitui a partir do autoritarismo do adulto e trazendo para as ciências sociais a proposta de um novo paradigma, a criança como autora das suas interações e do seu desenvolvimento (CORSARO, 2002; 2011; MARCHI, 2009; 2017; MOTTA; FRAGELLA, 2013; SARMENTO, 2003; 2004).

O uso desse conceito revela também a interdisciplinaridade dos estudos das infâncias que têm em comum o deslocamento do paradigma universal e essencialista da criança em direção a uma postura de alteridade diante da agência da infância. Como afirma Pires (2010), as crianças *tudo questionam, não tomam o mundo como dado* (p.152) mas recriam o que lhes é

apresentado pelos adultos do seu mundo social e estudá-las significa compreender sobre a sociedade e as relações entre os indivíduos.

No entanto, o desafio apresentado para o campo está na localização das proximidades e distanciamentos que se colocam na utilização do mesmo conceito por enfoques disciplinares diferentes. O conceito pode ter nuances diferentes em cada foco da investigação que necessita de cuidado com as sutilezas na sua abordagem interpretativa para preservar sua coerência conceitual, teórica e epistemológica.

Podemos também encontrar um segundo exemplo da interdisciplinaridade nos estudos das infâncias quando percebemos preocupações comuns entre autores de diferentes áreas com relação às temáticas investigadas na infância contemporânea, como, por exemplo, a relação da criança com a mídia e o consumo, as questões de gênero na infância, a mobilidade urbana das crianças. Esses, entre outros temas, por sua natureza são interdisciplinares e interessam a diferentes campos do conhecimento ao mesmo tempo, por serem temas complexos, de uma realidade complexa. Assinala-se, pois, a impossibilidade dessas temáticas serem abordadas por uma única disciplina, um único campo teórico, unidimensionalmente. A complexidade desses temas exige diversidade de abordagens e perspectivas e o campo dos estudos das infâncias vem compreendendo essa necessidade.

As pesquisas dessas temáticas transversais são desafiadas a localizar a específica contribuição de cada perspectiva investigativa e as formas particulares de abordagem da mesma temática articuladas com outras perspectivas que, com efeito, possibilitem a produção de saberes inovadores e interdisciplinares.

Ainda recorremos a um terceiro exemplo da interdisciplinaridade, apontando o uso da etnografia como ferramenta metodológica preferida entre os estudos das infâncias por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Essa escolha metodológica tem

uma relação com o caráter de alteridade nos estudos das infâncias. Sendo assim, essa perspectiva metodológica tenta compreender a criança a partir de seu próprio olhar e da sua fala que é escutada, respeitando sua autoria.

Escolher a criança como unidade de análise significa buscar compreendê-las segundo elas próprias, a partir da ressignificação que fazem de suas condições de vida (SIMÕES; RESNICK, 2019). A abordagem etnográfica oferece essa possibilidade por optar pelas lentes das crianças para ver o mundo.

O reconhecimento de outro estatuto às crianças como atores sociais têm radicado na defesa de uma agenda de pesquisa que, entre outras premissas, vê no uso da etnografia um contributo inestimável ao debate epistemológico, teórico-metodológico e ético em curso nas múltiplas disciplinas das ciências sociais integrantes dos estudos da infância. (FERREIRA; NUNES, 2014, p.106)

O desafio metodológico localiza-se na dimensão ética da pesquisa. A adoção de metodologias participativas nos estudos das infâncias é um convite à escuta das crianças, portanto é apenas uma tentativa de encontro, de aproximação. Por um lado, não se dá a voz a quem já tem a sua voz e, por outro lado, não é possível ver com os olhos das crianças ou ouvir com seus ouvidos. Os pesquisadores são adultos, Vêm e escutam como adultos, mas podem (ou não) procurar essa aproximação.

A interdisciplinaridade nos estudos das infâncias surge desses e de outros encontros e intercruzamentos que se caracterizam pela abertura de uma disciplina a outras que passam a produzir um novo conhecimento que não mais pertence a nenhuma das disciplinas em questão e, desgarrado-se dos limites disciplinares, o novo conhecimento se afirma sobre o hibridismo e é definitivamente marcado pela diversidade e complexidade da infância.

Por fim, consideramos que a interdisciplinaridade vem contribuindo para os estudos das infâncias na contemporaneidade, possibilitando e assegurando a posição de sujeito à criança na pesquisa social e a construção de um novo campo de conhecimento crítico das ideias disciplinadoras das nossas infâncias.

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; MORUZZI, Andrea Braga. Infância na contemporaneidade: questões para os estudos sociológicos da infância. **Crítica Educativa**, Sorocaba, v.2, n.2, p. 25-37, jul./dez. 2016.

ALANEN, Leena. Teoria do bem-estar das crianças. Tradução: Elba Siqueira de Sá Barreto. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.40, n.141, p. 751-775, set./dez. 2010.

AREND, Silvia Maria Fávero. Por uma história da infância no Brasil: desafios e perspectivas. In: MIRANDA, Humberto; VASCONCELOS, Maria Emília. **História da Infância em Pernambuco**. Recife: Editora da UFPE, 2007, 19-28.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2a. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981, 275p.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas infantis: contribuições e reflexões. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v.14, n.43, p. 645-667, set./dez. 2014.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; DELGADO, Ana Cristina Coll; TOMÁS, Catarina. Estudos da infância, estudos da criança: quais campos? quais teorias? quais questões? quais métodos?. **Revista Inter Ação**, v. 41, n. 1, p. 103-122, 2016.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é Sociologia da Infância?** Campinas/SP: Autores Associados, 2009, 150p.

CORSARO, William. A Reprodução Interpretativa no Brincar ao “Faz-de-conta” das Crianças. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto/Portugal, n.17, p. 113-134, 2002.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artemed, 2011, 384p.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. 18a. ed., Campinas, SP: Papyrus, 2012, 143p.

FERREIRA, Manuela; NUNES, Ângela. Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios. **Linhas Críticas**, Brasília, v.20, n.41, p. 103-123, jan./abr. 2014.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010, 265p.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. **Ideação**, Foz de Iguaçu, v.10, n.1, p. 41-62, 1º Semestre. 2008.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 224p.

JENKS, Chris. Constituindo a Criança. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto/Portugal, n.17, p. 185-216, 2002.

LARROSA, Jorge Bondia. **Pedagogia profana – danças, piroetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOPES, Jader Jane Moreira. **Geografia e Educação Infantil: espaços e tempos desacostumados**. Porto Alegre: Mediação, 2018, 113p.

LOUREIRO, Luiz Francisco et al. Interdisciplinaridade: uma proposta epistemológica para a ciência pós-moderna. **InterSciencePlace**, v. 14, n. 4, p. 127-147, 2019.

MARCHI, Rita de Cássia. As teorias da socialização e o novo paradigma para os estudos sociais da infância. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.34, n.1, p. 227-246, jan./abr. 2009.

MARCHI, Rita de Cássia. A criança como ator social-críticas, réplicas e desafios teóricos e empíricos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v.12, n.2, p. 617-637, maio/ago. 2017.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MOTTA, Flávia Miller Naethe; FRAGELLA, Rita de Cássia Prazeres. Descolonizando a pesquisa com a criança – uma leitura póscolonial de pesquisa. **Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.22, n.40, p. 187-197, jul./dez. 2013.

MÜLLER, Fernanda; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **A infância pesquisada**. São Paulo: EDUSP, v. 20, n. 3, p. 465-480, jul./set. 2009.

NASCIMENTO, Maria Letícia. Como se conduz a pesquisa da infância quando a educação é mais um campo a compor seus estudos? Alguns elementos para discussão. **Currículo sem Fronteiras**, v.15, n.1, p. 79-93, jan./ abr. 2015.

NASCIMENTO, Maria Letícia. Estudo da infância e desafios da pesquisa: estranhamento e interdependência, complexidade e interdisciplinaridade. **Childhood & Philosophy**, v. 14, n. 29, p. 11-25, 2018.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Trad. Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Trion, 1999, 153p.

PIRES, Flávia. O que as crianças podem fazer pela Antropologia? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n.34, p. 137-157, jul./dez. 2010.

POMBO, Olga Maria. Epistemologia da Interdisciplinaridade. **Ideação**, Foz de Iguaçu, v.10, n.1, p. 9-40, 1º. Semestre. 2008.

PROUT, Alan. Reconsiderando a Nova Sociologia da Infância. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.40, n.141, p. 729-750, set./dez. 2010.

QVORTRUP, Jens. A Infância enquanto Categoria Estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.2, p. 631-643, jul./ago. 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Porto: Afrontamento, 1989, 176p.

RAMOS, Luiza Olivia; FERREIRA, Rosilda. Sobre uma práxis interdisciplinar: aproximações e proposições conceituais. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 101, n. 257, p. 197-216, 2020.

SIMÕES, Patrícia Maria Uchôa; RESNICK, Riva. A pesquisa das infâncias como possibilidade de encontros e trocas de conhecimento. In: MORAIS, Edclécia Reino Carneiro de; CRUZ, Fatima Maria Leite; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALÉSSIO, Renata Lira dos Santos Aléssio (orgs.). **Interação social e desenvolvimento humano, v.1**, [recurso eletrônico]. Recife :Ed. UFPE, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5a. ed. São Paulo : Cortez, 2008, 92p.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v.12, n.21, p. 51-69, jul./dez. 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto.; CERISARA, Ana Beatriz. (Org.). **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004, p. 9-34.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.26, n.91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. “Estudos da criança” como campo interdisciplinar de investigação e conhecimento. **Interações**, Santarém/Portugal, v.4, n.10, p. 1-5, set./dez. 2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: ENS, Romilda Teodora; GARANHANI, Marynelma Camargo. **Sociologia da infância e a formação de professores**. Curitiba: Champagnati, 2013, p. 13-46.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Uma agenda crítica para os estudos da criança. **Icurrículo sem Fronteiras**, v.15, n.1, p. 31-49, jan/abr. 2015.

TAUCHEN, Gionara; FÁVERO, Altaís Alberto, ALVARENGA, André Martina. Interdisciplinaridade: da simplificação ao pensamento complexo. **Educação e Filosofia**, v.31.n. 62, p.1011-1032, 2017.